



Resenha: Livro *Sobre a Guerra* organizado por José Luís Fiori examina a relação entre a guerra e a ética

Simone Kawakami Gonçalves Costa¹

DOI: 10.5752/P.1809-6182.2020v17n1p52

Recebido em: 16 de julho de 2019
Aprovado em: 03 de fevereiro de 2020

O ato de guerrear é quicá um dos mais antigos da humanidade, perpassando diversas formas de sociedade. As guerras podem assumir diversas formas e almejar diferentes objetivos. Essas variações refletem-se nos discursos que circundam as guerras, que por sua vez revelam suas dimensões éticas, impactando não apenas suas justificações e objetivos, como a própria formação e transformação do sistema internacional. Frente a um tema tão candente as diferentes tradições teóricas encaram o problema da guerra, assim como da ética, sob prismas igualmente distintos. Analisar esta relação entre as guerras e as distintas éticas que subjazem detrás de suas deflagrações, sendo cruciais para moldar o sistema internacional desde a sua origem até a atualidade, estabelecendo um diálogo entre as principais correntes teóricas e autores caros às Relações Internacionais é a proposta trazida por *Sobre a Guerra* lançado em 2018.

Trata-se de uma coletânea de textos organizada por José Luís Fiori, resultado dos debates realizados em um longo ciclo de discussões que examinou as conexões entre a guerra e a ética em sessões abertas aos pesquisadores reunidos do

Programa de Economia Política Internacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ao longo dos 14 capítulos elaborados cada qual por um autor abordam-se problemas são tão antigos quanto a prática de guerrear. Não à toa, o livro apresenta-se dividido em três grandes blocos que abordam a partir de distintas matrizes teóricas a relação entre a guerra e a ética, abordadas em diálogo com as teorizações da escola realista.

O primeiro conjunto de artigos denomina-se “Evolução e Conflito”, e está dedicado ao exame da guerra em uma perspectiva de longa duração. O artigo *Guerra, ética e etologia* propõe uma abordagem pouco previsível ao apresentar um exame de sociabilidades primatas e suas guerras, vistas a partir da macro perspectiva de longuíssima duração. Sugere-se assim que a guerra tem natureza apomórfica para a humanidade, isto é, está marcada pela ancestralidade contida na própria evolução da espécie humana. Já o artigo *Evolução e moralidade* busca traçar um debate sobre como a guerra moldou a evolução da cooperação humana, tomando por base a teoria evolucionária para investigar os efeitos do igualitarismo primitivo na seleção natural.

¹ Doutora em Economia Política Internacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, residente na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Editora da revista *Estratégia Internacional-Brasil*. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3528-6796>

O segundo bloco de artigos intitulado justamente *Guerra e ética*, é apresentado como o epicentro do livro de acordo com o organizador da obra. Nele apresentam-se textos dedicados a examinar a relação entre guerra, paz e justiça, e a possibilidade de constituição de uma ordem internacional e jurídica ética, capaz de ordenar as relações entre distintos povos que professam diferentes preceitos éticos. Em *Dialética da guerra e da paz* escrito por José Luís Fiori analisa-se detidamente a gênese do sistema internacional como derivada das guerras, cuja pilhagem sob a forma de tributação punitiva imposta pelos vencedores aos vencidos lançou as bases para a formação embrionária da hierarquia de forças entre as nações. Assim, o sistema internacional emerge de um desenvolvimento expansivo marcado pela necessidade de resolver o problema do financiamento da guerra, transformando o ato de guerrear em um instrumento fundamental do enriquecimento e da acumulação de poder. Essa natureza da guerra a faria ser a peça sistêmica da expansão do próprio capitalismo, sendo crucial para o desenvolvimento do sistema interestatal dentro e fora da Europa, até finalmente se universalizar no século XX com a globalização adquirindo diferentes faces e argumentações éticas. Assim, é sob a égide da hegemonia estadunidense que se dá sucessão de formas do sistema internacional, abarcando as guerras humanitárias do final dos anos 1990, posteriormente substituídas pela “guerra ao terror”, que de certa forma vigoram até o século XXI. A cada uma dessas formas de guerra corresponde uma determinada “ética”. Assim, a distinção entre os conceitos de “ética” e “justiça” assume na análise de Fiori não só um sentido filosófico, mas atua como um signo disruptivo, visto que a Guerra do Golfo operou-se em meio ao reordenamento

do sistema internacional, em um processo motivado por raízes muito mais profundas que os objetivos declarados pelos Estados Unidos. Em verdade, como Fiori bem indica, a Guerra do Golfo de 1991 conflui com uma transformação de grande magnitude no sistema internacional, traduzido no fim da Guerra Fria, e na ascensão de um momento que distintos autores e analistas caracterizaram como dominação unipolar estadunidense.

Já em *Guerra e ética em Aristóteles* há um debate crítico travado a partir das lacunas deixadas tanto pelos realistas como pelos liberais sobre a ética das guerras, que o artigo busca preencher propondo um diálogo entre a perspectiva das guerras justas e o pensamento clássico aristotélico. *Guerra, virtù e ética em Maquiavel* retoma as grandes transformações presentes no sistema internacional contemporâneo ao filósofo florentino que marcam a disseminação das guerras como formadoras do ordenamento interestatal. Já em *Guerra e liberdade em Mill, Kant e Hegel* apresenta-se um diálogo entre as visões otimistas europeias contidas no liberalismo clássico dos dois primeiros autores, e um contraponto com a percepção hegeliana sobre a guerra. Em *Guerra e violência na teoria marxista* oferece uma análise dos escritos de Marx e Engels sobre o militarismo, entendido como expressão das contradições que emanam do poder da classe dominante. *Guerra e moral internacional em Carr, Aron e Morgenthau* traz um exame das distinções e pontos comuns entre os autores citados no tema da ética da guerra. Por fim, *Guerras humanitárias e ordem ética* analisa o declínio do humanismo liberal durante os governos de Barack Obama.

Já o terceiro conjunto de artigos dedica-se ao exame dos principais debates teóricos sobre a geopolítica, geoeconomia e a dinâmica

das guerras no sistema internacional forjado no período posterior à Segunda Guerra Mundial. Em *Guerra, moeda e finanças* analisa-se a relação entre moeda, financiamento, guerra e poder tomada desde a era hegemônica britânica até a ascensão do dólar, e, portanto, dos Estados Unidos como *hegemon*. Em *Guerra e dinâmica sociopolítica* retoma-se o pensamento estratégico de Clausewitz e distintos autores como Weber e Adam Smith para problematizar a definição de guerra centrada essencialmente no combate, ampliando essa noção para outros tipos de conflitos. *Guerras hegemônicas e ordem internacional* traz uma análise dos ciclos longos de acumulação capitalista como pano de fundo para um debate com as reflexões desenvolvidas por Modelski e Robert Gilpin sobre as guerras cujos efeitos resultam em transformação da dimensão sistêmica. Em *A geopolítica estadunidense e a Eurásia* retoma-se a centralidade da região eurásiana para a formação do pensamento geoestratégico estadunidense, e a forma como isso norteou as elaborações de Zbigniew Brzezinski e Henry Kissinger, passando ainda por outros autores como Stephen Walt e John Mearsheimer para concluir com uma análise dos documentos estratégicos dos governos de George H.W. Bush e Barack Obama. E encerrando esse bloco está *A visão confuciana e a geopolítica chinesa* que detalha como o confucionismo entende guerra e paz, e como isso impacta as relações interestatais da China na atualidade.

O epílogo que encerra a obra *Ética cultural e guerra infinita* de autoria de José Luís Fiori traz uma análise crítica ao documento de Estratégia de Segurança Nacional de 2017, já sob o governo de Donald Trump, na qual indica que estamos diante de uma nova reconfiguração do sistema internacional. Assim, com grande riqueza analítica e teórica *Sobre a Guerra* traz

em suas entrelinhas uma inquietação sobre a possibilidade de uma dinâmica de rupturas e transformações do sistema internacional em meio aos abalos sofridos desde a ascensão de Donald Trump ao poder, e à sua tentativa de estabelecer uma ordem distinta à que prevaleceu desde pelo menos o fim da II Guerra Mundial, construída e sustentada pelos próprios Estados Unidos.

A atual e crescente polarização da sociedade norte-americana, não apenas entre a classe detentora e os despossuídos, mas entre as próprias alas e frações das classes dominantes e dos grupos políticos do establishment, servirão de combustível para o crescimento do poderio militar global estadunidense. E isso não indica qualquer recuo dos Estados Unidos circunscrito aos limites de suas fronteiras, como alguns erroneamente interpretaram a retórica antiglobalização de Donald Trump. Assim, a declaração feita pelos Estados Unidos de que não se veem mais como os porta-vozes de valores universais, como consta em seu documento que traz a nova doutrina de segurança nacional publicado em 2018, não deve ser interpretada como maior equilíbrio de poderes. Pelo contrário, essa declaração aceita as diferenças éticas presentes no sistema internacional, anunciando dessa maneira batalhas ainda mais beligerantes fomentadas pela ruptura das instâncias que outrora davam rosto ao sistema internacional ao partilhar, ainda que discursivamente de uma mesma ética e valores. Este é um alerta trazido pelo livro *Sobre a Guerra*, que seguramente deve ser observado por todos nós.

Referência

FIORI, José Luís (org). **Sobre a Guerra**. Petrópolis: Editora Vozes, 2018. ISBN: 978-8532658579